

RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

REPORTE DE EXPERIENCIA

Mulher velha e natureza: O saber popular no uso e manejo dos quintais agroflorestais e na transmissão desse legado em Irati, PR

Old woman and nature: Popular knowledge in the use and management of agroforestry yards and in the transmission of this legacy in Irati, PR

Anciana y naturaleza: Conocimiento popular en el uso y manejo de patios agroforestales y en la transmisión de este legado en Irati, PR

Fernanda Rocha

RESUMO: Este trabalho busca, através da fala de duas idosas sobre os cuidados do quintal, refletir como a divisão sexual do trabalho na sociedade capitalista, de alto teor patriarcal, influencia a forma como os trabalhos de cuidado femininos são vistos, inclusive, através do olhar que as próprias mulheres têm dessa atividade. Busca-se, com isso, no entendimento da gênese da questão, a valorização das mulheres na manipulação de plantas alimentares e medicinais ao longo da história da humanidade, sendo fundamentais na perpetuidade da cultura, dos vínculos sociais e da biodiversidade.

Palavras-chave: Plantas; Mulher idosa; Quintais; Cuidado; Socialização.

ABSTRACT: *This work seeks, through the speech of two elderly women about the care of the garden, to reflect on how the sexual division of labor in capitalist society, with a high patriarchal content, influences the way in which female care works are viewed, including through the look that the women themselves have this activity. With this in mind, in the understanding of the genesis of the issue, the valorization of women in the manipulation of food and medicinal plants throughout life, being fundamental in the perpetuity of culture, social ties and biodiversity.*

Keywords: *Plants; Old woman; Backyards; Care; Socialization.*

RESUMEN: *Este trabajo busca, a través del discurso de dos ancianas sobre el cuidado del patio trasero, reflexionar sobre cómo la división sexual del trabajo en la sociedad capitalista, con un alto contenido patriarcal, influye en la forma en que se ve el trabajo del cuidado femenino, incluso a través de la mire a las mujeres mismas de esta actividad. Con esto en mente, en la comprensión de la génesis del tema, la valorización de la mujer en la manipulación de alimentos y plantas medicinales a lo largo de la historia de la humanidad, siendo fundamental en la perpetuidad de la cultura, los lazos sociales y la biodiversidad.*

Palabras clave: *Plantas; Anciana; Patios traseros; Cuidado; Socialización.*

Dor e resistência - Um recorte histórico

Por serem mais fracas na mente e no corpo, não surpreende que se entreguem com mais frequência aos atos de bruxaria..., mas a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente...E, com efeito, assim como, em virtude da deficiência original em sua inteligência, são mais propensas a abjurarem a fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios. Pelo que não surpreende que tantas bruxas sejam desse sexo. (Kramer, & Sprenger, 1484/2004, p. 115).

Começo a escrever este relato, com um trecho de *Malleus Maleficarum* ou o Martelo das Bruxas. Essa obra serviu como um manual oficial à época das inquisições que levou a morte violenta de mais de 100.000 mulheres e a tortura de tantas outras, além do linchamento social mesmo daquelas que foram “inocentadas” da acusação. É fácil encontrar na literatura justificativas absurdas para essa carnificina. E, por mais que pareça descolado do motivo desse artigo, você, leitora ou leitor, verá quão contemporânea é esta reflexão.

Como afirmam Gevehr e Souza (2014), a construção mental negativa sobre a figura da mulher é muito antiga; no entanto, no período medieval, ela teve características muito simbólicas, quando as dificuldades da vida material foram unidas à ideologia da Igreja Católica para fazer surgir um ser feminino pouco confiável e maligno. Os homens, principalmente os clérigos e aqueles que ocupavam posições de poder, como embasamento para a brutalidade, utilizavam-se da Bíblia, já influenciada em sua escrita pelas ideias patriarcais gregas de submissão feminina.

Isso pode ser explicado quando, muito antes, na Grécia antiga, “exemplo a ser seguido pelas sociedades ocidentais”, berço de tudo o que conhecemos em termos de fundamentos sociais, políticos e econômicos, também lá, a mulher assumia uma posição secundária. Aristóteles justifica a submissão da mulher em virtude da não plenitude do *logos* em sua alma; dessa forma, ele afirma que: “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção...quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade” (Aristóteles, 2009, pp. 13-29), bastante próximo ao trecho citado em relação à mulher ser um ser incompleto, feito de maneira equivocada, que precisa de tutoria, pela ignorância ou pela perversidade de seus atos.

Essa figura, tão bem representada através de Eva, é subproduto de um corpo inteiramente construído de um homem. Essa mulher, que surgiu da costela de Adão, é a única responsável por tirar de todos nós, “humanos”, o direito de viver alegremente no paraíso e, por essa atitude, Deus determina "multiplicarei grandemente seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará" (Gênesis 3, p. 16).

As “filhas de Eva”, durante a inquisição morriam (quem nos dera fosse passado!) porque eram consideradas bonitas ou feias demais, velhas, com alguma mancha no corpo, também quando eram inteligentes e assertivas e até quando davam à luz a bebês natimortos.

Morriam até mesmo quando realizavam seus ofícios de cuidado, estes os quais eram socialmente obrigadas a desempenhar como na preparação de medicamentos em seus caldeirões, em que o fogo, atribuído sempre ao demônio, ajudava a decocção dos chás. Eram reprimidas em sua sexualidade e responsáveis por quaisquer infortúnios a seus homens, desde a infertilidade e impotência, até as dores de cabeça. Também por seu “poder diabólico” eram responsáveis pela colheita ruim, chuvas fortes e, é claro!, as epidemias. E mesmo quando um homem era acusado de bruxaria, este, óbvio, só poderia estar sobre o efeito maléfico de alguma mulher. Morriam elas, portanto, quando “não serviam” e morriam também por servir.

Para Gevehr e Souza (2014, p. 115), “pode-se compreender o desenvolvimento da sociedade humana através da análise das relações de poder entre homens e mulheres nos diferentes contextos históricos, tanto nas comunidades simples, quanto nas sociedades mais complexas, com Estado ou em grupos patriarcais”. Portanto, as relações hoje desempenhadas são permeadas por essa violência e tensão, mesmo quando nos sentimos tão afastados cronologicamente dessa época. Os fatos históricos vão crescendo e se enovelando em outros tantos, e passam a viver fora dos indivíduos, traduzindo-se em um comportamento social, ou seja, uma consciência coletiva; movimento este, portanto, que caminha no sentido oposto ao do indivíduo, inclusive e, principalmente, influenciando suas ações (Durkheim, 2002).

Dessa forma, ainda é triste a facilidade com que observamos que a “marca da bruxa” ainda permanece em nós, mulheres viventes do século XXI. Legitimou-se, ao longo de séculos e, de forma incisiva na sociedade capitalista, o lugar inferiorizado onde as mulheres parecem estar ainda hoje. Diversas correntes dentro dos estudos feministas ou até mesmo fora desse círculo buscam, além das contextualizações históricas para esse apagamento social, reflexões e métodos que superem esse enorme abismo criado, e isso só é possível puxando o fio da história para refletir o HOJE.

Esse escrito está longe de ser um trabalho aprofundado sobre os papéis desempenhados pelas mulheres ao longo da história, e a autora, mesmo feminista, em nada se vê enquanto estudiosa do tema, porém, se não olharmos por essa perspectiva poderemos até, pelo breve momento dessa leitura, visibilizar o trabalho das duas mulheres aqui citadas, porém, não ultrapassaremos a naturalização da divisão sexual do trabalho, e que tem gerado a subordinação das mulheres nos seus diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, principalmente a mulher velha, resultando em uma vida de vulnerabilidades diversas. Dessa forma, mais que descrever as formas de manejo e consumo desses vegetais, tenta-se aqui trazer sentidos às

atividades cotidianas, que, colocadas como afeto e cuidado (sem deixar de sê-lo, também!) mascaram a estrutura de desigualdade, na qual está alicerçada a sociedade, a polarização entre o ser e agir feminino, e o ser e agir masculino.

Longe de lançar sobre as entrevistadas conflitos que não são visualizados por elas, cabe, porém, a reflexão, função deste trabalho: Por que as atividades de manutenção da vida, extremamente importantes em relação à perpetuidade da nossa espécie no planeta e, desenvolvida em sua maioria por mulheres, não recebe reconhecimento e a valorização que merece? E por que cabe a nós, muitas vezes, de maneira arbitrária executá-las?

Através da manipulação de plantas alimentares e medicinais ao longo da vida, estas e tantas outras mulheres foram e continuam sendo fundamentais como agentes que tecem a cultura, os vínculos sociais, e o salvaguardo da biodiversidade.

Portanto, este artigo tem, como objetivo principal, retratar aspectos que aproximam e distanciam as histórias de duas mulheres idosas que manejam e utilizam os recursos advindos dos quintais agroflorestais, entrecortado pelas reflexões de autoras e autores, como forma de expor o abismo que ainda perdura entre os gêneros, buscando, com isso, caminhos de autonomia e empoderamento, para que a ancestralidade das mulheres, legado de resistência, resiliência e cuidado, se perpetue, geração após geração.

O caminho entre o pensado e o realizado

O presente artigo foi realizado como objeto de conclusão no curso de “Complexidades das Fragilidades nas Velhices: Gerontologia Social e Atendimento Multiprofissional”, pelo Instituto Sedes Sapientiae, em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Irati, e pelo Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa Idosa do mesmo município, e realizado de forma on-line, visto o contexto de pandemia, ocasionada pelo SARS-CoV-2, vírus que ocasiona a doença da Covid-19, ainda em curso durante a redação deste trabalho.

Também, aqui, cabe ressaltar que, por essa situação de calamidade pública, o que antes teria sido planejado e executado como um grupo focal, com o intuito de enriquecer o debate e trazer reflexões num contexto sociológico mais ampliado, acabou se tornando duas entrevistas individuais, por questões de segurança, obviamente. Essa grande adversidade também afetou a oportunidade de visitas complementares, haja vista o aumento significativo de casos em nosso município, logo após a entrevista inicial. Sob nenhuma hipótese, por essa razão, o trabalho pode

ser tomado como incompleto; são duas vidas pulsantes de informação advindas da experiência e que merecem seu lugar de fala, independentemente de qualquer situação.

As mulheres idosas, sujeitos deste estudo, são participantes dos grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), serviço oferecido pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do Município de Irati; dessa forma, com vínculo pré-estabelecido com a autora, que atuou anteriormente como orientadora social. As duas mulheres ocupam lugares significativos em suas respectivas comunidades, pelo tempo de moradia, pelo auxílio que prestam e pelo grande conhecimento sobre o tema abordado.

As informações foram obtidas no mesmo dia; porém, de maneiras diferentes:

A primeira etapa se deu através da aplicação de um questionário semiestruturado adaptado do proposto por Gomes (2013), onde foram abordadas questões socioeconômicas e as específicas sobre os quintais, como a percepção sobre o espaço, a produção dos alimentos e das plantas medicinais e o manejo das plantas, propriamente dito. A conversa se deu no espaço da cozinha, lugar costumeiro de encontro para as famílias dessa região. A segunda etapa aconteceu com a visita ao espaço do quintal; nesse momento foram abordadas as questões mais subjetivas da prática, além das relações afetivas e o modo de vida das duas idosas.

As entrevistas foram gravadas em aplicativo gratuito de celular, durando em média 45 minutos, depois transcritas em totalidade. Para esse trabalho, foram retirados trechos e frases que refletiram momentos importantes na vida das idosas, que tiveram seus nomes alterados, costuradas de maneira a identificar os pontos onde as linhas das vidas das participantes se entrelaçam e também se afastam, isso dentro de um recorte de gênero. As narrativas dos sujeitos foram transcritas, procurando resguardar o máximo da originalidade, sendo que a correção gramatical só foi efetuada quando necessária, para melhor compreensão do leitor e apresentadas entre aspas e em itálico, as falas da autora, durante o decorrer da conversa, entre parênteses e em negrito e outras informações complementares entre parênteses, somente.

Mulher velha: cuidadora sim, mas também detentora de saber e cultura

A entrevistada 1, chamada aqui de Maria foi visitada no dia 10/11/2020, é moradora da área urbana, em um conjunto habitacional. Maria tem 69 anos, é viúva e mora sozinha. A entrevistada 2, chamada de Joana, foi visitada no dia 13/11/2020, é moradora da área rural, e

tem 72 anos, também viúva, vive com o filho e sua nora, além de dois netos e é aposentada da agricultura.

Maria e Joana têm personalidades distintas, mas as atividades de cuidado que desempenham são bastante similares. Como muitas outras mulheres, trilham seus caminhos sem conseguir conceituar o que é feminismo, patriarcado e capitalismo... esse emaranhado de relações sociais, econômicas e políticas, mas levam a luta ao patamar do real, do cotidiano de suas comunidades, que sobrevivem ao patriarcado “com e apesar dele”.

Maria é falante, expansiva e espirituosa; contou sua vida como se estivesse lendo um livro de causos. Não sabe ler e escrever, mas nos mostrou com orgulho um livro que comprou sobre plantas medicinais. Com ela desenvolvemos, através do SCFV, a necessidade de uma horta de medicinais na comunidade, é a ela que os vizinhos buscam socorro no alívio de algum agravo à saúde. Tem uma certa aura, como toda a pessoa peculiar do Brasil, fala de seus romances e anseios afetivos com brilho nos olhos, como quem cochicha um segredo à melhor amiga. Guarda memórias importantes sobre a cidade que gosta de compartilhar, como quando relatou sobre o início da urbanização do bairro Alto da Glória e adjacências:

“Não tinha casa, não tinha nada...os (nome da família) plantavam de tudo ali, só tinha a casa da (nome) que era irmã (da sua madrinha) e um outro velhinho...era tudo só plantação;, agora, a gente olha, até asfalto tem...o rio das Antas era um riozinho de nada, pegavam a luz era do rio das Antas, uma luzinha bem apagadinha, bem amarelinha...meu Deus!” (Maria, 69 anos).

Joana é tímida, de fala mansa e olhar sereno, não costuma falar quando não estimulada, suas respostas são pontuais, quase envergonhadas. Dividiu grande parte de sua vida com seu esposo: Senhor reconhecido como agente de transformação, contador de histórias que guardam a memória do local e gaiteiro de primeira. No momento da entrevista, relatou o percurso de adoecimento e morte do seu esposo e sobre como é estar agora sem a sua companhia. Juntos frequentavam o grupo de idosos e juntos o deixaram, quando ele adoeceu.

De perdas também foi a vida de Maria, viúva duas vezes, falava com carinho do “falecido”, o último com quem conviveu e que fez questão de o citar em diversos momentos de sua fala. Divide a casa com seus animais, por quem tem bastante apreço: três cachorros e uma gata que “gosta de tomar banho na panela”, história essa contada com descrença pelos

vizinhos, mas Maria afirma sua veracidade. Pelas artimanhas da gata chegou a desmaiar, quando a felina derrubou um enfeite de cerâmica em sua cabeça; hoje o caso é motivo de riso, mas levantou preocupação. Já teve um cabrito, do qual nos mostrou a foto em companhia de seu esposo, criado na mamadeira e muitos mimos, mas que precisou ser vendido porque era um bom em cuidar da casa mas oferecia risco à criançada do bairro, no momento de sua partida, Maria conta que ouviu seu choro até o momento em que o caminhão estava tão longe, aquele lugar onde o eco vive na lembrança.

Joana foi casada por mais de cinquenta anos, a perda de seu esposo é recente e causou emoção em diversos momentos da conversa, uma tristeza contida, resignada. Ela relembra os momentos que antecederam o falecimento do seu esposo e sua preocupação em deixar a propriedade organizada para os familiares:

“A maçã ele plantou; ele disse: eu vou plantar, mas para vocês. Ele estava vendo...” (que ia falecer em breve) e continuou “a maçã eu não pensava (que desse fruto tão rápido) nós plantamos ano passado, eu ajudei ele a plantar, ele comprou as mudas e precisa ver como carregou (fica a lembrança...) “isso” disse ela triste, “a uva branca e a rosada é para chupar e a outra é para suco (faz o suco para vender?) fizemos suco para vender, daí, ano passado...que ele queria ajudar, ele ficou bem ruim o dia que nós fomos fazer lá, deu e ele ficou tonto, ele começou a falar coisa que...queria jogar a panela quente, deu um negócio na cabeça...então não fizemos muito, paramos... para cuidar dele.” (Joana, 72 anos).

Esses sintomas a que Joana se refere se devem à metástase de um câncer, doença contra a qual seu esposo lutava há muitos anos.

É imprescindível afirmar que, enquanto movimento político, o feminismo busca lutar contra as desigualdades entre homens e mulheres, mas não estabelece um perfil de comportamento, muito pelo contrário, busca com que, cada vez mais, as mulheres tenham liberdade de decidir sobre suas vidas e seus corpos e de exercerem suas afetividades e sua sexualidade da maneira que preferirem, refletindo sobre suas realidades. Sendo assim, o casamento não pode ser visto enquanto obstáculo, uma vez que grande parte das pessoas sente necessidade da criação de vínculos emocionais dessa natureza, principalmente aqueles que nasceram sobre essa égide. Os casais idosos vivenciam, juntos, o processo de envelhecimento;

portanto, a maioria deles aceita as modificações que advêm deste processo e cuida um do outro num oferecer recíproco de suporte físico e emocional (Berger, 2003).

Por conseguinte, as críticas e reflexões tecidas a seguir, em nada buscam descreditar as relações afetivas vividas pelas entrevistadas e por todas nós, mas sim, contextualizar e explicar de que forma a naturalização de alguns trabalhos são tão alheios a nós que tendem a se perpetuar, resultando em sobrecarga, descrédito e vulnerabilidade que atingem os corpos de tantas outras filhas, mães e avós, aqui nomeadas por Maria e Joana.

O ontem explica o hoje?

A necessidade do abastecimento diário de alimentos para si e seus filhos levou as mulheres a terem um vasto conhecimento sobre as plantas, a terra, as águas e as estações do ano (Mies, 1988-2016), sendo as principais responsáveis por salvaguardar diversas espécies da flora mundial que utilizam em seus “feitiços de cura” ou na alimentação das suas famílias. E por toda essa *expertise*, aliada ao fator tempo (falamos aqui em milhares de anos), é que se deu o início da agricultura (Mies, 1988/2016), mas o desenvolvimento social do ser humano:

foi em sua maioria construído pelas mulheres e a elas se deve ao que os cientistas consideram como as primeiras células da sociedade, uma vez que as mulheres e as crianças trabalhavam juntas na coleta e na capinagem e que os homens adultos eram apenas temporária e periféricamente integrados nesses grupos matriarcais primitivos (Mies, 1988-2016, p. 848).

Resquícios de uma sociedade matriarcal ainda perduraram em alguns povos como o caso dos germânicos. Nessa sociedade, já na Idade Média “era até mesmo permitido às mulheres dedicarem-se ao comércio e ocuparem-se de um ofício, embora não com a mesma assiduidade dos homens” (Scholz, 1996, p. 19); também as grávidas eram protegidas pelo próprio direito germânico e “a imagem da bruxa não era vista previamente como negativa, sendo que o “curandeirismo e o ofício de parteira estavam solidamente depositados em mãos femininas” (Scholz, 1996, p. 20). Contudo, de um outro ângulo, nessa mesma sociedade, a mulher era vista como um acessório do marido, podendo ser, inclusive, negociada.

Aos poucos, conforme a mesma autora, através da doutrina da Igreja, a mulher foi vista cada vez mais com uma imagem negativa. Na Baixa Idade Média, a partir do século XII, “Eva, a pecadora, passou a ser confrontada com a Virgem Maria. Desde então, a mulher devia ser quando muito um ente assexuado” (Scholz, 1996, p. 20); a autora ainda segue afirmando que o “homem precisava eliminar a mulher e suas representações para que, em sua racionalidade, pudesse reivindicar-se na esteira do legado antigo” (Scholz, 1996, p. 20).

Muito ainda aconteceu depois disso, solidificando a visão patriarcal que conhecemos; por isso, é tão difícil para nós, mulheres, desvincularmos o nosso conhecimento acerca dos cuidados que realizamos, inclusive do entorno da casa, como o quintal, ao *status* de obrigação, mais uma, dentre várias.

Dessa forma, as duas idosas não identificaram que são detentoras de um conhecimento importante e que o transmitem a outras pessoas, apesar de Maria ser contestada pela vizinha, que participava da conversa e, que disse que ela contribuiu e até “forçou” seu companheiro a implantar um quintal, cedendo mudas e o conhecimento sobre forma de cultivar “a Senhora passou para nós...ela ficava falando para meu marido fazer... E ele fez os canteiros... foi a Dona Maria que falou”. Já Joana alega que “até agora ninguém perguntou”. Essa pesquisadora é testemunha dos ensinamentos de Maria e por diversas vezes trocou informações com ela sobre o tema. Quando Maria começou a falar sobre as medicinais percebeu que dispunha de uma grande variedade de plantas “Nossa! É bastante...”.

Há uma cristalização no imaginário social¹, que as diversas atividades de cuidado estão a cargo de nós, mulheres, como um destino do qual não podemos escapar, e isso já acontece antes mesmo do próprio matrimônio e incide ainda mais sobre a mulher velha, como a atividade que lhe sobra no contexto familiar. Para Souza e Guedes (2016, p. 125), “histórica e culturalmente, especialmente dentro da sociedade capitalista, sempre coube à mulher a responsabilidade pelos cuidados com a casa e com a família, independentemente de sua idade, condição de ocupação e nível de renda”.

A produtividade fundamenta a sociedade capitalista; a ela cabe o poder de excluir os indivíduos que não produzem riquezas e, como riquezas, entende-se aquilo que os detentores do capital (burguesia) entendem como importantes para sua manutenção e reprodução. Marx

¹Para Chartier (2002), a representação, elemento fundamental do imaginário social, transporta o universo simbólico para o mundo social, se dá através de um conjunto de classificações, divisões e hierarquizações que definem a compreensão do mundo social, a partir de orientações dos grupos ou classes sociais, ou suas frações, variáveis de acordo com a posição de cada um em determinados espaços da sociedade.

(1988, p. 142) explica que: “O segundo período do processo de trabalho, quando o trabalhador opera além dos limites do trabalho necessário, embora constitua trabalho, dispêndio de força de trabalho, não representa para ele nenhum valor”; essa condição é onde se produz o que o autor denomina de mais-valia, ou seja, é nesse espaço, onde o trabalhador excede as horas necessárias de trabalho para a manutenção de sua vida, que é gerado o lucro pertencente aos donos dos meios de produção. É inegável a contribuição dos estudos marxistas na explicação da sociedade capitalista, porém limitada a uma divisão de classes, onde a questão de gênero era pouco (ou nada) levada em consideração.

Quando se trata de “ser mulher” os desafios são maiores, principalmente no caso da mulher velha. Como bem pontua Salgado (2002, p. 7), “as mulheres são discriminadas por preconceitos sexistas e gerofóbicos: não só por serem mulheres, mas também por serem velhas”. Isso se deve à inferiorização do trabalho feminino e a valorização do corpo que, quando jovem, serve de deleite aos homens: sexual e laboralmente falando, invisível portanto, quando não se enquadra nesses quesitos. Travestido de um discurso de que a vaidade é inerente ao ser mulher, a opressão nos impele, cada vez mais, a um lugar de “não envelhecimento”, ignoradas em nossos anseios afetivos, sociais e econômicos.

Para Pinquart e Sorensen (2001), existem cinco razões para que as mulheres idosas tenham um bem-estar subjetivo menor em comparação aos homens, sendo que o terceiro deles reflete a questão financeira. Os autores pontuam que essas mulheres possuem em média, menos recursos materiais do que os homens, pelas suas histórias de trabalho instáveis, menor aposentadoria e maior pobreza. E é neste contexto que reside a história de Maria.

Maria mora em um conjunto habitacional, descolado do “quadro urbano” pela precariedade do acesso rodoviário. Nesse espaço, seus moradores vivenciam questões como a falta de ambientes de lazer, dificuldade no acesso ao transporte público, além da distância aos serviços de saúde. Maria não escreve e não lê, privilégio negado a muitas mulheres nas periferias do Brasil, mais contundente entre as idosas. Vive com recursos parcos advindos de pensão por morte do primeiro marido, vive sozinha e conta com o apoio dos vizinhos, na mesma medida que os apoia.

Trabalhou sem carteira assinada, portanto invisível à política previdenciária, não fosse pelo casamento. Utiliza o espaço externo de sua casa como lugar de plantio onde supre necessidades alimentares, além do tempo que usa como “*distração*”, como diz ela. As dificuldades econômicas fazem parte da vida de Maria e conhecidas pelos trabalhadores do CRAS:

“Eu frequentava o mercado, mais aí estava devendo; daí paguei graças a Deus, até nem dormir não dormia direito, graças a Deus já paguei, se livrei (quando a Sra. não estava podendo ir, como fazia?), pego a cesta, só comprava que nem carne, essas coisas, mas assim mesmo vai...que daí a carne coisa de limpeza, essas coisas tudo (e a gente gasta com material de limpeza, né?) Gasta, gasta e aí tem os cachorros a gente tem que arrumar uma ração, alguma coisa...sempre tem que ter para tratar o bichinho porque eles também são filhos de Deus, tem esse dois e o outro que está amarrado...”
(Maria, 69 anos)

Desenvolveu ao longo da vida, começando já na infância, trabalhos na faxina e cozinha e, fala com orgulho de sua atividade como costureira, onde teve a oportunidade de se relacionar com pessoas que até hoje demonstram por ela estima e consideração, primeiro por ser quem é, mas também como expressão de gratidão por ter iniciado outras mulheres na atividade, como é o caso da filha de uma patroa:

“A mãe dela não dava a máquina (de costura) para ela pedalar...aí eu tirava a correia: pedale! Aí esses tempos, eu na rua...ela me agarrou por trás, meu Deus? Quem que era? A filha da (nome), aí ela disse para mim: - essa aqui é minha amiga...me ensinava.” (Maria, 69 anos).

Ela ainda costura, porém, a máquina está estragada e quer doar uma segunda que também está precisando de reparos.

Quando criança/adolescente, Maria trabalhou em um hotel, de propriedade dos seus padrinhos, onde recebia moradia:

“Nós parávamos no hotel (morava e trabalhava), fazia compota de pêsego... fazia compota de pera, de figo... tudo isso a velha (dona do hotel e madrinha) fazia... vinha lá dos (nome da comunidade) dos parente lá que traziam... vinha tudo pelo trem aquilo... nós quase chorávamos de bravas... para limpar... vinha pêsego, caroço tudo... daí nós lidávamos o dia inteirinho, quase não enxergava mais se tinha alguma coisa... no outro dia ele fazia apurar² aquilo para fazer aquelas caxetas, que antes não tinha marmelada essas coisas; tudo; então,

² Forma de cozimento lento do alimento, usado na fabricação de geleias e compotas, de forma a concentrar o sabor e chegar à consistência desejada.

ela colocava numas caixinhas, meu Deus do céu... o padre (nome) dizia: não existe açúcar que aguenta essa gente” (Maria, 69 anos)

Essa prática, de receber afilhadas ou filhas de criação era bastante comum. Fugindo de situações precárias de vida, muitas mulheres, ainda meninas, ingressavam cedo nas atividades domésticas como compensação à moradia e alimentação que recebiam. Não havia pagamento em espécie por todo o trabalho que desempenhavam. No capitalismo, principalmente, apoiado em suas ações pelo patriarcado, o trabalho feminino é visto como uma atividade reprodutiva e não produtiva, portanto, impossível de remunerar, “o conceito de trabalho é majoritariamente utilizado no sentido restrito ao chamado *trabalho produtivo* nas relações capitalistas, e isso significa trabalho que produz mais-valia” (Mies, 1988-2016, p. 841).

Essa condição faz que com que vejamos o trabalho da mulher como uma determinação biológica. Segundo Danièle Kergoat, socióloga francesa, é necessário entender que essa divisão se dá, organizada em dois princípios: a divisão entre trabalho feminino e masculino e a hierarquização que coloca o trabalho masculino como superior ao feminino.

As condições em que vivem homens e mulheres não são produto de um destino biológico, mas, sobretudo, construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção-ou duas coleções- de indivíduos biologicamente diferentes. Eles formam dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações sociais de sexo. Estas, como todas as relações sociais, possuem uma base material, no caso o trabalho, e se exprimem por meio da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada concisamente divisão sexual do trabalho (Kergoat, 2009, p. 67).

Para Mies (1988-2016, p. 849), “Essa relação é constantemente interpretada numa visão biologista de *instinto materno*. Todas as ideologias fascistas mistificam a relação mãe-filho como condicionada ao instinto e remetem a mulher, dessa forma, ao reino da natureza”.

Vendo o trabalho da mulher em suas funções de parir uma nova vida e suprir suas necessidades como uma ação da natureza, como acontece aos animais e, não um trabalho consciente sobre o próprio corpo, a mulher passa a ser também passível de apropriação, haja vista que é uma característica da nossa espécie modificar a natureza em benefício próprio; assim, a mulher tomou *status* de coisa, parte integrante dessa matéria prima natural a qual nos apropriamos e transformamos para nossa reprodução, mesmo hoje e, mesmo entre aquelas que por qualquer razão não têm filhos.

Através das falas de Maria, trazendo a memória de um passado longínquo, é possível perceber o lugar que ocupava na vida dos padrinhos:

“Quando foram colocar a luz na cidade toda, aí vieram tudo de fora (os trabalhadores da companhia de energia) e paravam (moravam) no hotel... acho que ficaram uns seis anos mais ou menos só colocando luz em toda parte, aí foi embora aquela companhia, aí o falecido padrinho comprou televisão e nós queríamos ver o que estava passando...nós fazíamos o serviço ali na cozinha e zupt (rápido) lá na TV, a madrinha pegava nós pela “gadeinha” (cabelo) e levava nós... perto de todo mundo, morria de vergonha.” (Maria, 69 anos)

Dessa forma, o patriarcado se utiliza de um aparato ideológico que reproduz, inclusive entre as próprias mulheres, a segregação, visto que são eles, os homens, que se beneficiam dessa estrutura. Joana diz que faz muitos anos que cuida do quintal, uma vez que logo após o casamento foi morar na casa que reside até hoje:

“Desde que eu casei, fez cinquenta e poucos anos toda vida tive quintal... já tinha horta, tinha a minha sogra, ela tinha horta e eu ajudava, daí fui aprendendo também, já sabia com a minha mãe e aprendi mais com ela” (Joana, 72 anos). Assim, o quintal se mantém há muitos anos, da mesma forma.

Essa relação pode ser vista de duas maneiras, a primeira é que aprendemos com os que nos antecedem, pelo exemplo, e a segunda é que como dito acima, por Santos e Oliveira (2010) na “reprodução do papel conservador da família e da mulher” muitas delas acabam desenvolvendo atividades como forma de suprir expectativas. Portanto, é muito fácil observar a insegurança que muitas de nós carregamos e que nos impede, inclusive, de galgarmos novos espaços, uma preocupação exacerbada em ser reconhecida pela família, principalmente pelas outras mulheres, nem que para isso, assumamos múltiplas funções...o mito da “mulher guerreira”.

A diferença principal entre as duas histórias, no hoje, reside na estrutura econômica entre elas, que garante a uma a segurança de renda e a outra a continuação da luta diária pelo

acesso aos bens e serviços, mas ambas compartilham história similar no que compete ao ser mulher em nossa sociedade. “É inegável que todas as mulheres sofrem discriminação e opressão de gênero. Essas opressões, no entanto, são vivenciadas de forma diferenciada de acordo com as condições materiais de cada um” (Saffioti, 1992: 191). Nesse entremeio de relações ainda podemos citar a raça e a orientação sexual como fatores que amplificam à discriminação, mas que podem ser mascaradas pela condição de renda.

Joana, nesse aspecto, pode ser considerada de “classe média”. Aposentada da agricultura, mora em uma das comunidades rurais mais “ricas” do município e que funciona como um polo produtivo de soja e cebola, além de ser um lugar de destino de ecoturismo. Teve acesso a escola até a “*quinta série*”, não por uma pressão direta dos pais, que naquela época também largavam cedo os estudos por necessidade econômica, mas também, porque a condição feminina, a de cuidadora, pedia como suficiente o “*ler e escrever*”.

Nesse lugar a soja, hoje mecanizada, deixou para trás um contingente de trabalhadoras e trabalhadores que “vendiam o dia” na produção dessas culturas, portanto é possível visualizar o abismo econômico entre os produtores e os trabalhadores informais dessa comunidade, inclusive na questão de muitos viverem “de favor” em terrenos cedidos. No caso da família de Joana, proprietária de terras, eles continuam precisando de pessoas de fora do círculo familiar em época de safra, “*ele contrata, ele não vence sozinho*” (falando sobre o filho, que está à frente dos cultivos), sendo as plantações grandes de milho, cebola e soja.

Essa dicotomia é pouco observada pela sociedade em geral, que visualiza o campo, principalmente no sul do país, como um lugar de fartura alimentar, não se atentando ao fato de que muitas trabalhadoras e trabalhadores não são proprietárias da terra em que vivem e, quando falamos de mulheres, principalmente as idosas viúvas, estas sofrem ainda mais, mesmo quando donas do seu espaço, não disponibilizam de mão de obra, sendo realizadas sua maioria pelos membros familiares masculinos que detêm o poder de decidir sobre os rumos da propriedade.

Quando o assunto foi sobre as formas de obtenção de renda, Joana prontamente respondeu: “*faz tempo que me aposentei...nós tínhamos as notas (nota fiscal de produtor(a) rural) em conjunto*”.

Essa fala é muito importante, quando analisamos a questão social da divisão do trabalho. Muitas mulheres tinham e ainda têm dificuldades em se aposentar por não apresentarem meios de confirmarem o trabalho que executaram, sendo a criação dos filhos, trabalhos informais, e cuidados com a casa, completamente excluídos do sistema.

Na atividade agrícola, os documentos comprobatórios sempre estavam em nome do esposo ou até mesmo do filho, apesar de ser de conhecimento geral que elas desempenhavam (e ainda desempenham) dupla jornada de trabalho. Conforme Brumer (2004), as mulheres e jovens ocupam uma situação subalterna na agricultura familiar, pois seus trabalhos, além de não serem reconhecidos, são conceituados como uma ajuda ao agricultor, mesmo que desenvolvam inúmeras atividades na propriedade familiar, o que resulta em deixá-los inferiorizados e seus trabalhos invisibilizados.

Apesar de identificar que os filhos herdaram a atividade agrícola dos pais, Joana não acredita que os mais novos tenham interesse: “*acho que eles vão comprar no mercado*”, falou rindo. Esse movimento é possível de perceber nas famílias de agricultores, cujos filhos buscam um trajeto diferente dos pais, principalmente no caso das mulheres. No momento da entrevista, foi possível observar que o neto tem bastante conhecimento sobre a atividade agrícola e a rotina da propriedade, enquanto a neta busca se graduar em outro município, em uma atividade sem relação nenhuma com a lavoura.

Para Brumer e Anjos (2008), “outro ponto a ser discutido é o acesso à terra pelas mulheres que, na lógica do sistema patriarcal³, isso não se dá: os homens “culturalmente” sempre tiveram a preferência dos pais para a questão sucessória e para serem os herdeiros”. A mulher é excluída da atividade produtiva e, assim, não considerada sucessora do “chefe familiar”, recebendo muitas vezes uma herança de menor valor simbólico, sendo que muitas recebem o *status* de agricultora quando se casam com um já considerado agricultor. Essa questão faz com que muitas mulheres busquem outros trabalhos fora da propriedade; como exemplo, é possível perceber a grande quantidade de mulheres formadas no magistério e que atuam como professoras em suas comunidades de origem.

Mesmo assim, em um recorte de gênero, o manejo dos quintais, mais uma das diversas atividades dentro do contexto agrícola, em sua maioria, fica a cargo das mulheres. Silva *et al.* (2016), ao analisarem diversos quintais no estado de Goiás, apontaram que 82% dos informantes era do sexo feminino, valor próximo ao encontrado por Santos, & Guarim Neto (2008), em quintais agrofloretais na região de Alta Florestal, MT, sendo cerca de 70,9% dos informantes do sexo feminino e em quintais agrofloretais no estado do Piauí, Pereira *et al.* (2016) entrevistaram 85 agricultores familiares, sendo 65 mulheres e 20 homens, com faixa etária média de 60 anos de idade. Em Irati, PR, região do presente estudo, Gomes (2013),

³ De maneira simplificada é o sistema de dominação-exploração do homem sobre a mulher.

avaliando quintais, levantou 24 informantes com idade entre 26 e 86 anos, tendo em média 64 anos e sendo a maioria mulher (83%) e, mesmo assim, ainda temos dificuldades em visualizar este, como um trabalho passível de remuneração, pelo seu valor físico e simbólico. A sociedade do capital não busca alterações na estrutura que mantém o patriarcado porque dele tira proveito; para Santos e Oliveira (2010):

O sistema do capital se beneficia da opressão das mulheres, tanto do ponto de vista ideológico, por meio da reprodução do papel conservador da família e da mulher, como na perspectiva da inserção precária e subalterna no mundo do trabalho. No bojo dessas determinações é necessária uma luta ampliada para obter uma nova condição social, política e econômica para as mulheres, que possibilite igualdade entre os gêneros. O próprio sistema dominante está atravessado por várias contradições, que abrem caminho para lutas e transformações que objetivam uma nova ordem social (Santos, & Oliveira, 2010, p. 4).

Essa divisão social é percebida nos atendimentos do CRAS de duas formas distintas. A primeira é através dos grupos do SCFV, em que as idosas relatavam a situação precária de vida de algumas vizinhas, fazendo denúncias “anônimas”, principalmente no grupo de idosos da comunidade de Joana, onde era nítida a presença de idosas com maior poder aquisitivo e acesso à informação; a segunda, através da busca espontânea de tantas outras idosas pelo serviço, principalmente ao acesso aos benefícios eventuais, como a cesta básica, também quase sempre a cargo da mulher. As idosas em situação de vida precária, tanto nesta, quanto em outras localidades do interior do município, não costumam frequentar os grupos do SCFV, seja por ainda necessitarem do trabalho como forma de manter a família, por ficarem a cargo do cuidado com os netos, ou pela ausência de identificação aos temas tratados, sendo esta uma lacuna, que será objeto de estudo e reflexão por parte dos trabalhadores do CRAS.

Resistir - Nutrindo a vida e a esperança

É inegável a grande heterogeneidade que abarca o ser velha em nossa sociedade. Hoje é possível dizer que não se espera mais uma figura caricata de uma mulher “azedada” ou “doce” em demasia, nem à espera da finitude do tempo.

Durante muito tempo, como bem pontua Motta (1997), “A prescrição tradicional foi: domesticidade e repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdade de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e capacidade para a política e uma apropriação social do seu corpo”

A velha frágil precisa ser desmontada do imaginário social. Ao longo da história e, cada vez mais, elas são arrimos de família, provedoras e cuidadoras nos mais diferentes aspectos e contextos. A elas também cabe, na maioria das vezes, “tecer” a enorme teia da sociabilidade, da gentileza e do cuidado, e cabe também a elas a inteligência no verdadeiro malabarismo que com maestria desempenham as diversas funções a que são submetidas, seja por escolha ou não.

Por essa perspicácia, os quintais agroflorestais fazem parte da história da evolução humana, e ainda permanecem como garantia de segurança alimentar e nutricional, além da proteção de diversas espécies da flora e da fauna, muitas delas nativas. Carecem de um manejo diversificado e caracterizam-se por áreas de produção, geralmente ao lado das casas, onde é cultivada uma grande variedade de espécies agrícolas e florestais, bem como a criação de pequenos animais como porcos e galinhas, garantindo fartura à mesa, liberdade e manutenção da vida. São as mulheres idosas, em sua grande maioria, as guardiãs desse conhecimento passado através das gerações, mesmo que colocadas como coadjuvantes no desenvolvimento das técnicas e no repasse de informações.

Maria possui uma verdadeira farmácia natural em seu pequeno terreno, como: arruda, boldo, canfora, capim-limão, catinga de mulata, confrei, figatil, folha gorda, guaco, guiné, hortelã-levante, hortelã pimenta, malva, melhoral, milhomem, novalgina, penicilina, poejo e tanchagem, estas foram as que conseguimos identificar no momento da visita.

“Só falta ser curandeira”, diz ela (pois é, Dona Maria, tem muitas maneiras de cuidar dos outros...) “A gente tem. Antes dava uma gripe, que nem no (nome de um vizinho) e o remédio, quem que fazia? A velha aqui.” (Maria, 69 anos)

Joana também mantém os remedinhos aos quais sempre recorre no espaço dividido com o que “é de comer”; nele ela planta: hortelã, arruda, melissa, alecrim, erva-doce, além de outras de que não se lembrava; costuma tomar um composto feito através de maceração com limão, alecrim e hortelã: *“Corto duas rodelinhas de limão e coloco alecrim e o hortelã e deixo; aí vou tomando durante o dia, não fervo...bom para manter a saúde.” (Joana, 72 anos).*

A permanência de certos hábitos alimentares é cultural, aprendida e transmitida nos núcleos familiares e nas comunidades e, em sua grande maioria, trabalho exclusivo das mulheres. Para Cândido (1982, p. 30), “Qualquer que seja a posição do alimento, é sempre acentuada a sua importância como fulcro de sociabilidade, não apenas do que se organiza em torno dele (sistemas de trabalho, distribuição etc.) mas daquelas em que ele aparece como expressão tangível dos atos e das intenções”. Dessa forma, muitos dos alimentos que hoje temos em fartura, foram trazidas pelos imigrantes, para manter viva a memória do seu local de origem e carregam simbolismos maiores que só manter o corpo em um sentido fisiológico. Guardam memórias familiares.

As frutíferas ocupam grande parte do terreno de Maria, em uma grande variedade. Abóbora, amora (trepadeira), amora (árvore), goiaba, maracujá, pêssego, poncã, romã, tomate-cereja, este último, apesar de controverso, no mundo da botânica, é um fruto (nem fruta, nem legume, portanto!), além de uva...uma parreira tímida nos fundos do quintal, mas com cachos lindos e promissores. Com elas, Maria faz doces, sucos, além claro, de distribuir, entre os vizinhos, o excedente.

Joana tem uma grande diversidade de cítricos (laranja, tangerina, limão, mimoso), além de pêssego, ameixa, maçã, uva e maracujá. Joana, por morar em uma área grande na zona rural, seu quintal é grande, se comparado com o de Maria; lá ela planta uma diversidade de espécies, “até milho tem”, diz ela; “tem pepino, melancia, abobrinha, tomate, pimentão do verde e do amarelo.” (Joana, 72 anos).

Em relação aos cuidados com a horta, para as duas mulheres, não há uma regularidade no manejo, ficando a critério da vontade, ou quando está “*sujo demais... espero o Joãozinho do mato crescer...às vezes vou cedo, não todo dia...dou uma carpidinha, fuço um pouco e entro pra dentro.*” Maria, que não contrata ninguém e nem pede ajuda na limpeza, alega: “*boto e me cortam os remédios.*”. Também é inegável a contribuição terapêutica dessa atividade para as entrevistadas:

“*Distrai a gente, carpindo, fazendo alguma coisa...largo, vou na casa do vizinho tomar chimarrão, passa as horas também (e a senhora tira bastante coisa para comer dali?) Tiro... tem couve, tem chicória, tem pepino, tem tudo, cebolinha, salsinha, manjerona, orégano... e é louco de gostoso, e é remédio ainda, o manjerição diz que também, mas eu não tenho (quer que eu faça uma mudinha para a senhora?); quero sim.*” (Maria, 69 anos).

Apesar de a venda do excedente ser um caminho bastante justo nessa atividade, as duas entrevistadas alegam que costumam, além do consumo familiar, doar os produtos a outros membros da família e vizinhos, mantendo vivas as relações solidárias entre a comunidade. Joana aproveita para fazer conservas com o excedente, como abobrinha, pepino, ervilha; com o tomate, ela faz o molho “*pomarola*”.

A doação é um costume muito utilizado entre as mulheres: “*Eu dou, porque o que que adianta... a gente ganha e também dá... que nem o falecido, roupa ele ganhava, ganhava, tinha roupa que nossa, o que que eu fiz? Juntei e dei tudo para o Provopar⁴... como ele ganhou foi doado para os outros.*” (Maria, 69 anos).

Além das doações, há a troca, não no sentido de um evento organizado no mesmo espaço-tempo, mas como um evento relacional, forma de retribuição a um serviço prestado. Isso vai desde mudas, comidas, serviços, companhia, ou seja, bens simbólicos ou materiais, por exemplo:

“Eu ganhei um tipo capim, que nem capim limão, só que ele é de cheiro, de fazer sabonete (citronela?) Isso! Se você coloca o galho, tudo, diz que nem mosquito entra na casa, até ganhei da (nome da vizinha) ...diz que o sabonete fica cheiroso, dá para fazer amaciante, se você cozinhar, dá um perfume...” (Maria, 69 anos)

Esse movimento social, que Mauss⁵ (2003), denomina de *Dom ou Dádiva*, é um sistema de reciprocidades de caráter interpessoal. Crítico do utilitarismo, o autor afirma que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social, entendendo que a lógica de mercado moderna não substitui as antigas (como nas sociedades arcaicas) formas de constituição dos vínculos e alianças entre os seres humanos.

⁴ O Provopar Estadual é uma associação civil, com personalidade jurídica de direito privado, sem fins econômicos e lucrativos, com a finalidade de assistência social, educacional, beneficente, cultural, ambiental, saúde e geração de renda (Provopar, 2021).

⁵ A dádiva para Mauss, no seu sentido sociológico o qual o autor trabalha, introduz a ideia da ação social como inter-ação, como movimento circular acionado pela força do bem (simbólico ou material) dado, recebido e retribuído, o qual interfere diretamente tanto na distribuição dos lugares dos membros do grupo social como nas modalidades de reconhecimento, inclusão e prestígio.

Essas relações de cuidado e partilha fazem parte do viver em comunidade. Segundo Santos e Oliveira (2000, p. 75), “o princípio da comunidade foi, nos últimos duzentos anos, o mais negligenciado. E tanto assim foi que acabou por ser quase totalmente absorvido pelos princípios do Estado e do mercado”; o mesmo autor pontua que exatamente por estar à margem é o “princípio menos obstruído por determinações e, portanto, o mais bem colocado para instaurar uma dialética positiva com o pilar da emancipação.” (Santos, & Oliveira, 2000, p. 75).

Mesmo com a tecnologia disponível, os conhecimentos passados através de gerações se perpetuam através do trabalho diário. Maria se utiliza do calendário lunar para muitos dos vegetais que planta em seu terreno:

“Lua cheia planta pepino...essas coisas, tudo na cheia, só o que a gente planta na minguante é mandioca, o que vai para debaixo da terra... que nem segunda-feira...isso é ideia dele (do esposo): nós vamos plantar abóbora, que daí é na nova (lua) de novembro que daí não dá bicho...aqui em casa não deu um bicho nas abóboras, aí plantamos morango... tudo junto.” (Joana, 72 anos).

Maria também se utiliza do calendário lunar, e mesmo sem relação nenhuma com Joana, citou essa forma de fazer agricultura da mesma maneira, o que comprova que a informação circula entre os povos e entre os tempos: *“O que dá para cima, planta na cheia...o que dá para debaixo da terra, na minguante.”* (Maria, 69 anos)

Diante da opressão do mercado de alimentação, hoje cooptado pelo “fazer capitalista” que vende produtos saborosos (que ele mesmo cria como demanda), porém nocivos à saúde sendo que, alguns, nada mais são que descarte do processo industrial, para enxugar ainda mais o que pode ser considerado como desperdício, como os “empanados”, “salsichas”, e “margarinas”, além de alimentos com altos teores de sal, açúcar e gorduras *trans* (Rocha, & Musial, 2019), ficando cada vez mais estabelecida a ideia de uma alimentação ultra processada, ultra conservada e ultra rápida, como sinônimo dos novos tempos.

O capitalismo nos quer cada vez mais autômatos e alienados dos processos inerentes às nossas vidas, mas ainda encontra barreiras na experiência de vida dessas idosas. A grande maioria das sementes e mudas vêm do próprio quintal, além da adubação natural que utilizam, como esterco de animais e restos da cozinha como cascas:

“Estando para fora de casa é bom... é bom que a gente tem (silencia) não é coisa comprada... a gente não usa muito veneno... Nem usa veneno... a cinza (usa a cinzas do fogão à lenha, da churrasqueira?) Isso! E o pó de café... a cinza segura a terra úmida.” (Joana, 72 anos)

Podemos afirmar, sem sombra de dúvidas, que o quintal sobrevive com pouco ou nenhum investimento, o que não é de nenhuma forma interessante em uma sociedade baseada no lucro; por isso, pouco a sua prática é estimulada.

Lições aprendidas- o que se dá e o que se leva

Os sujeitos deste estudo, mulheres velhas de hoje, ainda sofrem as mazelas dos tempos passados, mas ainda assim, guardam consigo um arcabouço de conhecimentos acerca de suas próprias vidas, da vida de seus familiares e da sua comunidade, utilizando-se da natureza para esse fim, perpetuando também o imaginário, o legado, das velhas bruxas.

Longe de ditar regras, uma vez que sabemos que a meritocracia se esconde no discurso “é fácil se alimentar de forma saudável, basta ter um quintal”, até porque, também, é sobre as mulheres que recai essa responsabilidade ou de fechar os olhos para o papel que o Estado deveria exercer na regulação do mercado alimentar e na legitimação e estímulo às práticas resultantes do conhecimento popular, é que se faz urgente reafirmar o papel das mulheres nessa prática, principalmente das que já trilham um longo percurso mantendo vivo esse legado. É preciso reconhecimento e apoio!

Não coube, pela história de vida das participantes, inflamar conflitos de gênero durante a nossa conversa, uma vez que somos todos fruto dessa construção social que nos oprime, principalmente e, de forma exponencial, óbvio, para a mulher. Mas se faz, cada vez mais urgente, contextualizar hábitos cristalizados e muitas vezes romantizados, como forma de ampliar a discussão. Refletir, mas sobretudo, agir, na busca de uma mudança social de fato. Sendo assim, nada mais emblemático que unir ao tema “mulher velha e natureza”, a resistência, sentimento-ação experienciado por todas nós, em qualquer lugar que ocupamos na sociedade e independentemente de nossa idade cronológica.

Esse último tópico, usado no intuito de conclusão, traz a necessidade de lançar à luz três problemáticas que precisam ser superadas pela sociedade:

A primeira é a identificação do trabalho despendido no quintal, como feminino, por conseguinte invisibilizado e não passível de remuneração.

A segunda é que, infelizmente, se a mulher ocupa uma posição inferiorizada na sociedade, a mulher velha, descarte do sistema capitalista, é ainda mais subestimada; por isso, distante de ser ouvida enquanto detentora de conhecimento e técnica.

A terceira é que o quintal é um contraponto ao sistema econômico vigente; é autonomia alimentar; dessa forma, não está nas agendas dos governos neoliberais, que retrocedem ao não lançar novas políticas públicas, principalmente para as mulheres que resistem nutrindo a vida e a esperança para se desvencilhar da subordinação que advém da insegurança e do medo imposto pela truculência machista de ontem...

Mas, então, remunerar é a solução?

Não. Não somente.

Uma vez que o trabalho considerado “produtivo” (aquele remunerado) tem sobrecarregado ainda mais as mulheres, principalmente as pobres.

Se faz necessário que haja de fato igualdade entre os gêneros.

Urge uma mudança na estrutura social advinda de políticas públicas para as mulheres (não somente aquelas que ditam sobre nosso ciclo reprodutivo e sobre novas funções que precisaremos acumular dentre as outras tantas). Urge uma educação livre, igualitária e emancipadora, que inclua as mulheres velhas em sua agenda, como cuidadoras sim, mas também como detentoras de saber e cultura.

Referências

Aristóteles (2009). *A Política*. Nestor Silveira Chaves, Trad. (2ª ed.). São Paulo, SP: Edipro. (284 p.).

Brumer, A. (2004). Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. Florianópolis, SC: *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 205-227. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100011>.

Brumer, A., & Anjos, G. (2008). Gênero e reprodução social na agricultura familiar. Presidente Prudente, SP: *Revista NERA*, 12, 6-17, ano 11. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/1396-Texto%20do%20Artigo-3688-4020-10-20120502%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/1396-Texto%20do%20Artigo-3688-4020-10-20120502%20(1).pdf).

Cândido, A. (1982). *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida*. (6ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Duas Cidades. (284p.).

Chartier, R. (2002). O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Patrícia Chittoni Ramos, Trad. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade/UFRGS, 61-80.

Durkheim, E. (2002). *As regras do método sociológico*. (17ª ed.). Maria Isaura Pereira de Queiroz, Trad. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.

Gevehr, D. L., & Souza, V. L. (2014). As mulheres e a igreja na idade média: misoginia, demonização e a caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licencia&acturas*, 2(1), 113-121. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38>. DOI: <http://dx.doi.org/10.55602/rlic.v2i1.38>.

Gomes, G. S. (2013). *Quintais agroflorestais no município de Irati, Paraná, Brasil: Agrobiodiversidade e socioeconomia*. Tese de doutorado em Ciências Agrárias. Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Agrárias. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <http://hdl.handle.net/1884/25778>.

Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H. et al. (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 67-75.

Kramer, H., & Springe, J. (1991). *O martelo das feiticeiras, malleus maleficarum*. Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos (1484) (527p.).

Mauss, M. (2003). *Sociologia e antropologia*. São Paulo, SP: Cosac & Naify.

Marx, K. (1988). Livro 1 – O processo de produção do capital. In: *O Capital – crítica da economia política*. (12ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.

Mies, M. (1988-2016). Origens sociais da divisão sexual do trabalho. A busca pelas origens sob uma perspectiva feminista. Rio de Janeiro. RJ: *Direito e Práxis*, 7(15), 838-873. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25360/0>. DOI: 10.12957/dep.2016.25360.

Pinquart, M., & Sorensen, S. (2001). Gender Differences in Self-Concept and Psychologic Well-Being in Old Age: a meta-analysis. *Journal of Gerontology Psychological Sciences, Waltham*, 56B(4), 195-213. Recuperado em 04 janeiro, 2020, de: DOI: 10.1093/geronb/56.4.p195.

Pereira, L. G., Vieira, F. J., Alencar, N. L., Carvalho, F. A., & Barros, R. F. M. (2016). Diversidade florística em quintais do Nordeste brasileiro: um estudo etnobotânico em comunidades rurais em Monsenhor Gil/PI. *Espacios*, 37(20), 11. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n20/16372011.html>.

PROVOPAR. (2021). *Quem somos - Institucional*. Curitiba, PR. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <http://www.provoparestadual.org.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>.

Reda, F. R., & Musial, D. C. (2019). Segurança alimentar e nutricional no âmbito do estatuto do idoso: apontamentos para a construção de um pensamento crítico junto à população idosa, pp. 273-284. In: Barroso, A. S., Hoyos, A., Salmazo da Silva, H., & Fortunato, I, (Orgs.). *Diálogos Interdisciplinares do Envelhecimento*. São Paulo, SP: Edições Hipótese. ISBN: 978-85-60127-04-7. (482 p.).

Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: a feminização da velhice. Porto Alegre, RS: *Estud. interdiscip. envelhec.*, 4, 7-19. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: DOI: <https://doi.org/10.22456/2316-2171.4716>.

Saffioti, H. (1987). *O poder do macho*. São Paulo, SP: Moderna. (134 p.).

Santos, B. S. (2000). *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo, SP: Cortêz Editora.

Santos, S. D., & Guarim Neto, G. (2008). Etnoecologia de quintais: estrutura e diversidade de usos de recursos vegetais em Alta Floresta. In: Guarim Neto, G., & Carniello, M. A. *Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes*. Cáceres, mt: UNEMT, 201.

Santos, S. M. O. L., & Oliveira, L. (2010). Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. Florianópolis, SC: *Revista Katalisys*, 13(1), 11-19. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HqLvNHVzXPJkDYSCHsb94hP/abstract/?lang=pt>.

Scholz, R. (1996). O valor é o homem. Teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. Tradução portuguesa de José Marcos Macedo publicada em S. Paulo. *Novos Estudos – CEBRAP*, 45, 15-36. Recuperado em 04 janeiro, 2021, de: <http://www.obeco-online.org/rst1.htm>.

Silva, W. C., Ferreira, A. A. S., Martins, A. S., Costa, M. B. T., & Arruda, A. S. (2016). Utilização de plantas medicinais pela comunidade periférica do município de Ipameri –Goiás. In: Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da Ueginovação: Inclusão Social e Direitos, 3. Anais. CEPE, 2016.

Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139. São Paulo. Recuperado em 16 dezembro, 2020, de: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v30n87/0103-4014-ea-30-87-00123.pdf>.

Fernanda Rocha – Graduação em Engenharia Florestal. Mestre em Ciências Florestais, Universidade Estadual do Centro-Oeste. Pós-Graduada em Gerontologia. Graduanda em Serviço Social, Unopar. Atua como Diretora de Proteção Social Básica na Secretaria Municipal de Assistência Social, Prefeitura Municipal de Irati, PR.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-0419-3340>

E-mail: pherfloresta@yahoo.com.br